



O cartaz pede à comunidade que se dirija primeiro ao centro de saúde

Ouvidora do HRAS admite despreparo

“Tá um jogo de empurra *danado*”, reconheceu ontem a ouvidora do Hospital Regional da Asa Sul, Verbena Melo. Para ela, o problema se resume à falta de pessoal. “Há, hoje, uma superlotação nos centros de saúde e nos hospitais. O número de profissionais na Regional é muito pequeno”, avalia. Segundo Verbena, do início do governo Cristovam para cá, 154 médicos e enfermeiros se aposentaram só no Hospital Regional e nos oito centros ligados à Regional Sul. Nenhuma vaga foi preenchida.

“Tem gente que fica até 12 horas à espera de atendimento”, confessa. Para ela, o sistema não está preparado para o novo modelo de assistência e os pacientes não confiam nos centros de saúde. Mas a resistência não é apenas psicológica.

No Centro de Saúde nº 7, na 612 Sul, Elisângela Venâncio ardia em febre à 1h15 de ontem, num banco de madeira. Esperava desde às 10h, sem almoço ou apoio, pela chegada do médico, após às 14h. “É o jeito enfrentar isso. Se eu estivesse boa, *tava em casa*”, desabafou. O horário dos médicos, em dois turnos, é de 7h às 12h ou das 13h às 18h. “Mas eles só chegam às 8h e às 14h”, explicou a chefe de Enfermagem do Centro de Saúde nº 6, da 605 Sul, Ana Angélica Coelho. No horário de almoço, fica um *buraco*.

A própria Angélica trata dos problemas pequenos, como febre, dor de cabeça e verminose. Sua equipe, que deveria ter 15 enfermeiras, conta com apenas nove. Apesar de o Centro de Saúde nº 6 ser considerado exem-

plar, ela trabalha apenas de manhã. Até pouco tempo, os médicos só tinham a obrigação de atender a 16 pacientes por dia.

INDIGNAÇÃO

O diretor do HRAS, Geraldo Secunho, sentiu na pele que muitos médicos não estão preparados para o programa. Indignado, ele *despachou* a dona de casa Maria de Souza para o Hospital da Asa Norte, com a filha Lailane, de 3 anos, no colo. A mãe tinha um receituário assinado pela médica Rose Maria Albuquerque, do Hospital de Planaltina, encaminhando-a ao HRAS.

“Será que ela (a médica) não sabe que aqui não existe ortopedia?”, questionou, incrédulo. Geraldo admite que a situação é generalizada.

De uma parte, os centros de saúde não sabem que passaram a ser a porta de entrada de qualquer hospital. De outra, os hospitais onde o Rema foi implantado se vêem entre a cruz e a espada, pois não podem negar atendimento. “A falta de atendimento é omissão. Dá processo”, explica a ouvidora do HRAS.

A Secretaria de Saúde tenta resolver o problema de falta de pessoal convocando médicos concursados e remanejando profissionais dos hospitais para os postos de saúde. Segundo o assessor de imprensa, Osni Calixto, a implantação do Rema gerou uma peregrinação aos hospitais e postos. No Centro de Saúde nº 7, do Setor O, os funcionários farão um mutirão no sábado, para tentar atender à demanda de pacientes.